

# POR QUE ME TORNEI ARQUIVISTA E POR QUE VOCÊ DEVERIA CONSIDERAR SER UM ARQUIVISTA? AULA INAUGURAL DO PPGCI/UFPA

## WHY DID I BECOME AN ARCHIVIST AND WHY SHOULD YOU CONSIDER BECOMING AN ARCHIVIST? LECTIO INAUGURALIS AT PPGCI/UFPA

Luciana Duranti<sup>a</sup>  
Cristian Berrío Zapata<sup>b</sup>  
Ester Ferreira da Silva<sup>c</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Em seis de setembro de 2021, a Professora Luciana Duranti ministrou a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, comemorando os 10 anos da Faculdade de Arquivologia da Universidade Federal do Pará, Brasil. Na sua palestra, a Professora Duranti compartilhou como se tornou arquivista, seus *insights* sobre o papel da profissão e os desafios que a tecnologia e a responsabilidade social trazem para quem quiser trabalhar com arquivos. **Metodologia:** Por meio de sua autobiografia acadêmica, a professora Duranti explanou sobre os princípios da profissão, o significado da imparcialidade e profissionalismo em termos arquivísticos, a importância da evidência documental e da preservação do contexto na transparência e prestação de contas, os desafios que o ambiente digital apresenta para esse fim, e suas contribuições acadêmicas na preservação de registros confiáveis. **Resultados:** A professora Duranti concluiu estabelecendo o papel dos arquivistas como profissionais e cientistas na garantia de confiabilidade dos arquivos criados, usando tecnologias tradicionais e emergentes, como a Inteligência Artificial. Os arquivistas são mediadores entre os criadores de documentos e os usuários, entre o passado e o futuro, e garantem o valor social dos arquivos.

---

<sup>a</sup> Doutora em Arquivologia e Paleografia da Escola Especial de Arquivistas e Bibliotecários da Universidade de Roma. Diretora do Centro para o Estudo Internacional de Registros e Arquivos Contemporâneos e do Projeto de Pesquisa InterPARES, professora de Universidade de British Columbia, Vancouver, Canadá. E-mail: luciana.duranti@ubc.ca

<sup>b</sup> Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pesquisador InterPARES Trust AI, com pós-doutorado na Universidade Carlos III de Madri, Espanha. Docente da Faculdade de Arquivologia e a Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Brasil. E-mail: berrio@gmail.com

<sup>c</sup> Doutoranda em Documentação: Arquivos e Bibliotecas no Contexto Digital na Universidade Carlos III de Madri, Getafe, Espanha, e mestre em Ciência da Informação da UFPA, Belém, Brasil. E-mail: ester.f.da.silva@gmail.com

**Palavras-chave:** Duranti. Inteligência Artificial. Tecnologia. Arquivologia.

## 1 INTRODUÇÃO

Caros alunos, professores e gestores acadêmicos: para começar gostaria de parabenizá-los pelo 10º aniversário da Faculdade de Arquivologia e desejar-lhes um novo ano letivo muito emocionante e gratificante. Quando fui convidada a proferir esta palestra de abertura pediram-me que falasse sobre as escolhas que fiz e que contribuíram para construir minha carreira. Portanto, esta é uma história muito pessoal, que lhes apresentará as escolhas com as quais vocês serão confrontados ao ingressar na profissão. Infelizmente não falo português, desse modo, vou comunicar-me em inglês. No entanto, deve-se observar que nesta palestra usarei os termos documento e registro de forma intercambiável, como referência a quaisquer documentos criados ou recebidos no percurso de diferentes atividades, e mantidos para sustentar tais ações ou como referência confiável.

Ao me pedirem para contar a história de o porquê tornei-me arquivista, sugeri também falar sobre porque vocês serão ou deveriam considerar ser arquivistas. É claro que o público principal ao qual me dirijo hoje são os estudantes. Assim que, resolvi começar com aquelas frases que estão grudadas na minha memória e que me moldaram. Em uma conversa com a professora Emília Morelli, minha orientadora de tese no curso de história, eu falei “*Gostaria de continuar a pós-graduação em história*”, ao qual ela respondeu: “*Você é inquieta demais para ser historiadora*”.

E explicou-me que “*os historiadores descobrem as fontes do passado e as interpretam; os arquivistas moldam a história quando adquirem e preservam as fontes documentais a serem descobertas, e permitem que as pessoas as acessem e as compreendam*”. Assim, comecei meus estudos no programa de Arquivística. O diretor do programa era o professor Leopoldo Sandri, que em 1950 era Arquivista Nacional da Itália, e quem fez o primeiro discurso do Conselho Internacional de Arquivos (ICA em inglês). Nesse discurso, ele disse que as fontes da história estão protegidas nos ambientes que as criam. Quando ele começou a nos ensinar na Faculdade, sua primeira fala foi: “*Seu trabalho não*

*é apenas preservar o que existe, mas garantir que a evidência documental de ações e eventos existirá no futuro”.*

## **2 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO**

Depois de graduada, ganhei o concurso nacional para arquivista público do *Archivio di Stato di Roma* e fui trabalhar ali, em 1978. O diretor desse Arquivo na época era o professor Elio Lodolini, que no meu primeiro dia de trabalho, chamou-me ao seu escritório e disse-me: “*Se eu pegar você lendo os documentos, você estará com grandes problemas*”. O que ele quis dizer? Bem, quis dizer: “*Você foi treinada como arquivista. Isso significa que você não precisa ler os documentos para identificá-los, pois deve ser capaz de fazê-lo com base em sua compreensão da forma dos documentos, do tipo de script, da marca d’água ou de qualquer coisa que seja externa ao registro e não é o seu conteúdo*”. Entretanto, os princípios que incutiram na minha formação e no meu exercício da profissão, foram, de fato, os articulados por Sir Hilary Jenkinson, quem afirmou que o arquivista deve ser objetivo, ou seja, que não deve seguir seus próprios interesses; deve ser imparcial, significando que não deve servir a um interessado em detrimento de outro; e deve ser profissional, indicando que deve seguir a teoria e os métodos estabelecidos pela disciplina (JENKINSON, 1937).

Então, por que aceitei a sugestão da minha professora de história para entrar no Programa de Arquivologia, e depois continuar essa carreira? Bem, eu queria estar em uma profissão de serviço. Entendi que os documentos de arquivo são as fontes mais confiáveis de fatos e ações, porque são criados, recebidos e guardados como meio para desenvolver uma atividade. Assim, eles não são a finalidade da atividade, mas um instrumento dela e o seu subproduto. Devido às razões da sua criação, os documentos de arquivo são naturais, pois não é o resultado pretendido de uma ação, e são autênticos em relação à pessoa ou ao ambiente que os produz ou os recebe. Mesmo que um documento seja uma falsificação, se o usuário que o recebeu acredita que ele é verdadeiro e o utiliza no curso ordinário dos seus negócios, então esse documento é autêntico em relação a esse negócio. Assim, podem ver que todos os documentos de arquivo

são autênticos em relação ao seu criador; estão inter-relacionados com todos os documentos que participam de uma mesma atividade, e são imparciais em relação às perguntas feitas a eles por futuros pesquisadores. É claro que o conteúdo de todo registro é parcial porque reflete o ponto de vista do seu autor, mas, ao mesmo tempo, sua intenção não é responder às perguntas que os pesquisadores do futuro farão, e por isso, eles são uma fonte confiável para tais pesquisadores.

Os documentos de arquivo também são únicos, pois documentos idênticos em contextos diferentes têm significados distintos. A razão pela qual digo isso é que eu queria, como profissional, ser a guardiã da prova documental, a pessoa que garante que as características de todos os documentos de arquivo que acabei de listar sejam preservadas permanentemente, e que as gerações futuras possam responsabilizar o passado por suas ações, tornando o material de arquivo acessível em contexto.

### **3 NOVOS HORIZONTES NO CANADÁ**

Quando mudei para a Universidade de British Columbia em Vancouver, Canadá, o chefe do programa de arquivamento me perguntou: "*O que você quer ensinar?*" Eu disse: "*Bom, pode ser organização e descrição, recuperação e acesso, preservação, história dos arquivos, o que for.*" Ele respondeu: "*O que você vai ensinar será: gestão de registros, diplomática e avaliação para aquisição e descarte*". Eu respondi que não estava muito familiarizada com esses assuntos, mas então, lembrei por que estava na profissão de arquivista. Vocês se lembram das palavras do professor Sandri, falando que as fontes da história estão protegidas no ambiente da sua criação? Quão importante é garantir que os documentos certos sejam criados no momento certo, da maneira certa, e mantidos de forma que possam ser usados como prova? É sobre isso que se trata o gerenciamento de registros.

Sendo assim, é fundamental proteger as características dos documentos, sua autenticidade, avaliando sua identidade e integridade ao longo do tempo. Isso é diplomática. Para responsabilizar o passado por suas ações, a avaliação é a chave. A avaliação determinará o que selecionamos para o futuro, o que

decidimos manter para as gerações futuras examinarem o passado. Tudo isso era para o que eu tinha realmente me preparado, e o compreendi pela primeira vez quando o chefe do Programa pediu para ensinar esses tópicos.

#### **4 CRIANDO MÉTODOS DE REGISTRO E PRESERVAÇÃO EM DOCUMENTOS DIGITAIS**

Nada fica parado, porque os arquivos fazem parte da vida, parte do cotidiano e do percurso de todos. De modo que, me perguntei se tudo o que eu tinha estudado na minha formação profissional, ainda era válido no ambiente digital. Como poderia garantir a criação e manutenção de registros precisos, confiáveis e autênticos quando estava se tornando tão fácil manipulá-los e perdê-los? Assim, decidi iniciar meu primeiro projeto de pesquisa sobre a manutenção de registros confiáveis, um projeto que foi financiado pelo Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas do Canadá.

Cerca de um mês depois, três funcionários do Departamento de Defesa dos EUA apareceram na minha aula de diplomática. Precisavam da minha ajuda para projetar um sistema de produção e manutenção de registros em que pudessem confiar. Quando respondi que não iria a trabalhar para ninguém, já que tinha uma bolsa para fazer minha pesquisa teórica, eles me responderam que esse trabalho iria a demonstrar se minha pesquisa teórica funcionava na vida real. “*Se você nos indica o que fazer*”, eles disseram, “*nós faremos tudo!*”. Bom, isso chamou minha atenção, assim que aceitei ajudá-los. Juntos nós examinamos os materiais digitais com base na teoria diplomática e arquivística e, ao mesmo tempo, criamos um modelo do sistema ideal para a criação e manutenção de registros.

O resultado dessa cooperação foi o padrão 5015.2 do Departamento de Defesa para manutenção de registros, que foi emitido em 1997, e ainda é hoje o padrão federal dos EUA para manutenção de registros em todos os escritórios federais. (US DEPARTMENT OF DEFENSE, 1997, 2007). Este padrão também é a base dos ISO para manutenção de registros e de todas as séries de padrões europeus MoReq (DLM FORUM FOUNDATION; EUROPEAN COMMISSION, 2010; EUROPEAN COMMISSION, 2008; EUROPEAN COMMISSION;

CORNWELL AFFILIATES PLC., 2001). Do jeito que me ensinaram, vocês se lembram? “As fontes da história são protegidas no escritório da sua criação, e são os arquivistas aqueles que permitem que os governos respondam por seus atos.”

E sobre a preservação? Eu sabia que a missão arquivística apenas começava no escritório de criação dos documentos. Ainda era necessário preservar o material digital selecionado perpetuamente, para permitir que as gerações futuras pudessem impetrar o passado pelo mundo que o futuro irá herdar; pense nas mudanças climáticas, por exemplo. As instituições arquivísticas têm o conhecimento para determinar os requisitos de um sistema de preservação adequado. Os arquivistas têm a confiança do público para fazê-lo. As pessoas confiarão nos governos para determinar como a evidência documental de suas ações será preservada? As pessoas confiarão nas corporações? Não. São os arquivistas aqueles que têm a responsabilidade de se unirem em um esforço internacional comum, para desenvolver soluções que sirvam a todas as pessoas, independentemente de cultura, regime político, crença religiosa ou tradições, porque os arquivistas estão em uma posição privilegiada, entre os criadores dos documentos e os seus usuários, entre o passado e o futuro.

## 5 O PROJETO INTERPARES

Embora a pesquisa em Arquivologia não tenha sido a razão pela qual me juntei à profissão de arquivista, ficou claro para mim que a pesquisa original sobre questões pertinentes aos arquivos era extremamente necessária. Quando iniciei minha carreira acadêmica, havia múltiplas publicações em arquivologia, mas nenhuma tinha como pilar o desenvolvimento de pesquisas originais baseadas em teoria arquivística. Assim que em 1998, criei uma rede de pesquisa arquivística onde antes não existia, e arquivistas de todos os continentes se juntaram para encontrar soluções para os problemas colocados pela tecnologia digital. O projeto InterPARES nasceu como uma colaboração entre pares, sem que ninguém controlasse os resultados, todos trabalhando como iguais, contribuindo com sua própria experiência para desenvolver novos

conhecimentos, garantindo que os registros digitais pudessem ser criados não apenas confiáveis e precisos, mas também autênticos e preservados, por quanto tempo fosse necessário para seu criador e para a sociedade em geral.

O projeto InterPARES é um acrônimo em inglês para Pesquisa Internacional sobre Registros Autênticos Permanentes em Sistemas Eletrônicos. Ele tem sido financiado continuamente desde 1998 pelo Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas do Canadá, e está agora na sua quinta fase. Desenvolvi e orientei também outros projetos, como o *Digital Records Forensics* e o *Records in the Cloud*. (ISCHOOL@UBC, 2022). A rede que criei continuou a gerar novos conhecimentos arquivísticos. Ao final do 4º projeto InterPARES, 42 países estavam envolvidos, incluindo o Brasil, e 500 pesquisadores. Caminhamos nesse sentido também com o projeto atual, que estuda o uso da Inteligência Artificial para fins arquivísticos (INTERPARES TRUST AI, 2021).

## 6 POR QUE VOCÊ GOSTARIA DE SER UM ARQUIVISTA?

Esse foi um breve resumo da minha carreira e conquistas. A questão agora é: por que você gostaria de ser um arquivista? Imagino que você se inscreveu neste curso de Arquivologia porque gosta da história, ou porque quer servir à sociedade; talvez porque está entusiasmado com as tecnologias emergentes, ou quer gerenciar informações e dados; pode desejar ser um administrador da verdade, ou tem interesse em alguns tipos de registros.

Felix Hall escreveu em 1978: “*que palavra perigosa é interesse. Como arquivista não devo ter interesse, pois devo ser tudo para todos os arquivos, independentemente de idade ou proveniência*” (HULL, 1978). Hilary Jenkinson escreveu que o arquivista é “multitask e multifunção” (JENKINSON, 1961). Então, por que você deveria ser um arquivista? Por que é importante que tenhamos grandes e fortes turmas de arquivistas?

Os arquivos são a infraestrutura crítica por meio da qual fatos, crenças e valores são sustentados e compreendidos pela sociedade, e a base na qual as instituições humanas se apoiam. Confiamos implicitamente nos arquivos. No entanto, no ambiente digital não basta confiar no custódio. Constantemente são levantadas questões sobre a confiabilidade dos registros digitais individuais, ou

seja, sua confiabilidade e a confiabilidade do seu conteúdo; sua precisão, a exatidão dos seus dados e da sua autenticidade; a identidade e integridade dos seus registros. Isso ocorre porque os arquivos digitais são vulneráveis, fáceis de destruir, perder, corromper, adulterar ou ficarem inacessíveis se não forem protegidos, e ainda assim, são persistentes. Eles estão sempre ali se você não os destrói propositalmente, e isso é perigoso especialmente nos dados pessoais, pois eles não devem ficar perdidos em qualquer lugar da nuvem.

O fato é que, destruir links é muito mais fácil do que destruir os registros em si mesmo. E a razão principal é a impossibilidade de preservar registros digitais. Só contamos com a capacidade de reproduzi-los e recriá-los repetidamente. Por essa dificuldade, todo registro que temos é verde (*green*), o seja que é novo, uma cópia de uma cópia de uma cópia... Toda vez que fecho um registro eu o desmonto, e toda vez que abro um registro, faço uma cópia daquele que fechei. Assim, você não pode autenticar um registro em si mesmo. Na verdade, você não pode provar que a nova cópia que você acabou de gerar é a mesma que aquela que você desmontou ou suas outras versões anteriores. Frente a isso, os tecnólogos pensaram: vamos fazer com que a tecnologia autentique os registros digitais. A indústria surgiu com soluções como assinaturas digitais, *blockchain* e sistemas confiáveis de manutenção de registros.

## **7 OS PROBLEMAS DAS ASSINATURAS DIGITAIS E O *BLOCKCHAIN***

Vamos começar com a assinatura digital. O que ela faz? Ela protege a integridade dos bits. Verifica a origem do registro, que é apenas uma parte da sua identidade. Isso torna o registro indiscutível e incontestável, o que significa que se alguém me enviar um registro assinado digitalmente, esse alguém não pode negar que o enviou. A assinatura digital teve seu valor legal reconhecido por atos legislativos e órgãos reguladores, sendo habilitada por meio de infraestruturas públicas críticas, complexas e caras. Garante a autenticidade dos documentos através das trocas de informação, ou seja, quando os registros são transmitidos de uma pessoa para outra, de uma organização para outra, mas não através do tempo. A assinatura digital está sujeita à obsolescência a qual



agrava o problema da preservação, pois ela não pode ser migrada para uma nova versão junto com o registro ao qual está anexa.

E lembrem-se: para preservar um registro digital, você precisa continuar migrando para novas versões da tecnologia. Você precisa estar atualizando o sistema em que está o registro, mas não pode fazer isso com registros aos quais está anexada uma assinatura digital. Além disso, o certificado de autenticidade que acompanha a assinatura digital tem um prazo de validade, que geralmente é de cinco anos, e então a assinatura digital não é mais válida.

E quanto ao *blockchain*? *Blockchain* é a tecnologia que habilita a *bitcoin*. É um *ledger*, ou seja, um repositório de informações que guarda o rastro final e definitivo das transações feitas. Tal traço é imutável. Você não pode mudar nada nunca. Você não pode excluir nada. Mas o fato é que não há registros no *blockchain* em si mesmo. Existe apenas o *hash* de um registro, que é um algoritmo que representa o registro. O registro está em outro lugar, em um repositório escuro e desconhecido. *Blockchain* depende de uma rede distribuída, o que significa que todos os servidores são iguais e, portanto, há um consenso descentralizado sobre quais registros são confiáveis. Não há um único ponto de controle e, portanto, não há um único ponto de ataque. É impossível destruir qualquer parte da *blockchain* porque ela é reproduzida em todos os servidores.

Esses rastros de registros (*hash*) no *blockchain* são confirmados e validados em blocos. Os blocos estão ligados com elos em uma corrente: o bloco que segue o bloco original contém o *hash* do bloco anterior, além do *hash* dos novos registros. O bloco subsequente conterá o *hash* de todos os blocos anteriores, além de novos registros, e assim por diante. Esta cadeia de blocos não pode ser adulterada e você só pode se adicionar a ela. Então, quais são os problemas?

Um problema é que você não pode provar que o registro era autêntico quando o *hash* foi obtido e carregado no elo inicial do *blockchain*. Assim, você só sabe que nada mudou desde aquele momento. Mas como você sabe que o registro era autêntico antes disso? Além disso, o *blockchain* não pode preservar evidências do contexto do registro, ou seja, as características dos registros, sua inter-relação, e a relação entre os registros anteriores e o seguinte. Isso não é

possível porque os rastros dos registros são carregados no *blockchain* individualmente, um por um, e eles existem na ordem em que foram feitos os *uploads* por qualquer membro do *blockchain*. Se muitas organizações carregarem rastreamentos de registros ao mesmo tempo, os rastreamentos de seus registros serão misturados. Além disso, como lidar com a natureza descentralizada dos servidores, que estão distribuídos em todos os lugares? *Blockchain* é transjurisdicional, sendo seus conteúdos governados por diferentes leis de diferentes países e diferentes disciplinas.

Além disso, não se sabe realmente quem é a organização criadora de qualquer registro, quem é o autor, quem é o proprietário, qual lei se aplica a um determinado caso, etc. Portanto, *blockchain* não é uma a solução final, nem as assinaturas digitais o são. Qual poderia ser uma melhor ideia?

## **8 GARANTIR A INTEGRIDADE E A SEGURANÇA DO SISTEMA**

A integridade e a segurança do sistema entram em jogo em algumas jurisdições, como Canadá, onde a autenticação é baseada em uma inferência, uma dedução que fazemos do ambiente tecnológico em que o registro está armazenado. Em outras palavras, podemos deduzir a identidade e integridade dos registros a partir da própria integridade do sistema. Se ninguém adulterou o sistema, então entendemos que o que está dentro dele tampouco foi adulterado. Como sabemos que um sistema está íntegro? Podemos identificar quem tem privilégios de acesso ao sistema, quem pode usar os registros individuais, quem tem funções de gerenciamento e outras responsabilidades relacionadas aos registros. Claro, isso implica políticas e procedimentos rigorosos que controlam todos os registros no sistema, além de controlar qualquer interação dos registros dentro do sistema e do exterior.

Portanto, mesmo que toda essa tecnologia funcione, ainda temos problemas. Um problema é que recentemente organizações e indivíduos estão confiando registros a provedores na nuvem. Não podemos verificar a integridade dos servidores onde o material digital está armazenado quando estão nos *datacenters* dos provedores da nuvem, e não podemos verificar os requisitos do sistema para gerenciar os registros. Tudo o que podemos fazer é examinar as

medidas de segurança pactuadas no contrato entre o provedor do serviço e o criador dos arquivos ou os arquivos mesmos, e inferir a autenticidade que podem garantir. No entanto, os arquivistas ainda podem determinar a autenticidade de documentos individuais com base nas suas propriedades mais salientes, ou seja, com base nos atributos necessários para estabelecer a identidade e a integridade dos documentos em longo prazo, que encontramos nos metadados anexados aos documentos, nos *logs* de auditoria, e nos *logs* de transações. Então, os arquivistas estão no controle, ou não?

A comunidade arquivística detém a confiança pública na gestão e preservação dos documentos que definem a responsabilidade dos governos frente às pessoas a quem eles servem, isto é, às gerações atuais e futuras. Com o advento do ambiente digital, os registros tornaram-se onipresentes. Há um número infinito de cópias de cada registro e eles são de fácil acesso para qualquer pessoa. Por causa disso e como consequência das leis de liberdade de informação, os criadores de registros tomaram conhecimento de seus registros de uma maneira extremamente consciente. Eles perceberam que os registros não deveriam ser deixados para outros ou para o acaso determinar seu futuro. Os registros são extremamente significativos política, legal e socialmente. E o tempo para a prestação de contas fundamentada neles pode ocorrer a qualquer momento: aqui e agora, daqui a quatro dias, daqui a 30 anos ou daqui a 300 anos, porque o chamado a prestar contas da história acontecerá.

Assim, os registros perderam sua inocência e às vezes nem foram criados, para evitar a responsabilidades. Estava lendo hoje sobre uma descoberta feita pelo New York Times sobre muitos dos acordos entre os EUA e o Talibã em Doha, sendo escritos em notas adesivas: o papel passou de mão em mão, foi lido, assinado e depois desapareceu para não deixar registros do pactuado. Isso é exatamente o que o governo da Colúmbia Britânica estava fazendo. A quarta fase do InterPARES produziu um documentário chamado “O Dever de Documentar” (“Duty to Document”, 2021<sup>1</sup>), que vocês podem assistir em <https://vimeo.com/538919179>, para conferir o que estava acontecendo em

---

<sup>1</sup> DUTY TO DOCUMENT. **InterPARES Trust** - CIIPS Society. VancouverUBC, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://vimeo.com/538919179>. Acesso em: 12 set. 2022.

um governo provincial canadense, considerado altamente confiável. O temor ao escrutínio público é muito forte e os arquivistas devem estar atentos.

## 9 CONCLUSÃO

Logo, vocês deveriam tornar-se um arquivista, porque as fontes da história devem ser protegidas no escritório que as cria. Um mediador, sem interesses comprometidos no conteúdo dos registros, deve garantir que as evidências documentais das ações e dos eventos existirão para as gerações futuras, e esse mediador é: o arquivista. Vocês devem ser arquivistas, porque arquivos confiáveis demandam profissionais objetivos e imparciais, educados nos conceitos e princípios da arquivística. Vocês devem fazer-se arquivistas, porque as tecnologias emergentes precisam ser avaliadas ou desenvolvidas, implementadas e controladas por profissionais de arquivamento que tenham uma compreensão profunda da natureza dos arquivos.

Vocês devem tornar-se arquivistas porque o ambiente digital precisa de profissionais capazes de realizar pesquisas originais, fundamentadas na teoria arquivística e na diplomática, e também porque a Inteligência Artificial está chegando. Sistemas de Inteligência Artificial são sistemas de computação que usam algoritmos capazes de realizar tarefas complexas, que antes se acreditava serem de domínio exclusivo da inteligência humana. No entanto, sabemos que os sistemas de Inteligência Artificial fornecem evidências inconclusivas baseadas em probabilidades, evidências inescrutáveis, porque não há transparência ou interpretabilidade. Além disso, as evidências aportadas pelas ferramentas de Inteligência Artificial são tão boas quanto os dados que alimentam elas. Resultados injustos e tendenciosos derivados delas podem ter um impacto desproporcional em certas comunidades ou minorias. É claro que, na medida em que a Inteligência Artificial aprende conosco e transferimos para ela todos os nossos preconceitos, ela gera efeitos transformadores na autonomia e privacidade das pessoas. Além disso, não há rastreabilidade, sendo difícil atribuir responsabilidade pelas ações realizadas pela Inteligência Artificial.

Os arquivistas estão em uma posição privilegiada entre os criadores dos documentos e os seus usuários, entre o passado e o futuro. Enquanto dados e

números não podem definir o que tem valor moral, nem o que é socialmente  
desejável, os arquivistas podem! E vocês poderão!

Obrigado e meus sinceros votos de sucesso nesta jornada que vocês  
estão começando a empreender hoje.

## REFERÊNCIAS

- DLM FORUM FOUNDATION; EUROPEAN COMMISSION. **MoReq2010, modular requirements for records systems - core services & plug-in modules (version 1.1)**. Luxembourg: EU, 2010. v. 1.
- DUTY TO DOCUMENT. **InterPARES Trust** - CIIPS Society. VancouverUBC, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://vimeo.com/538919179>. Acesso em: 12 set. 2022.
- EUROPEAN COMMISSION. **MoReq2 specification: model requirements for the management of electronic records - update and extension 2008**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2008.
- EUROPEAN COMMISSION; CORNWELL AFFILIATES PLC. **MoReq specification: model requirements for the management of electronic records**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2001.
- HULL, F. The appraisal of documents-problems and pitfalls. **Journal of the Society of Archivists**, [S.l.], v. 6, n. 5, p. 287-291, 1978.
- INTERPARES TRUST AI. InterPARES Trust AI - **Artificial Intelligence**. Disponível em: <https://interparestrustai.org/>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- ISCHOOL@UBC. **CISCRA - Centre for the International Study of Contemporary Records and Archives (Homepage and projects)**. Disponível em: <http://ciscra.org/>. Acesso em: 12 set. 2022.
- JENKINSON, H. **A manual of archive administration**. London: P. Lund, Humphries & co., ltd., 1937.
- JENKINSON, H. Roots. **Journal of the Society of Archivists**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 131-138, 1961.
- US DEPARTMENT OF DEFENSE. DOD 5015.2-STD. **Design Criteria Standard for Electronic Records Management Software Applications, DOD 5015.2-STD**. 1997.

US DEPARTMENT OF DEFENSE. DoD 5015.02. **Design Criteria Standard for Electronic Records Management Software Applications, DoD 5015.02. 2007.**

## **WHY DID I BECOME AN ARCHIVIST AND WHY SHOULD YOU CONSIDER BECOMING AN ARCHIVIST? LECTIO INAUGURALIS AT PPGCI/UFPA.**

### **ABSTRACT**

**Objective:** On September 6th, 2021, Professor Luciana Duranti gave a lecture at the Postgraduation on Information Science, celebrating 10 years of the Faculty of Archival Science at the Federal University of Pará, Brazil. In her lecture, Professor Duranti shared how she became an archivist, her insights about the role of the profession, and the challenges that technology and social accountability brings to whoever wants to work with archives. **Methodology:** using her intellectual autobiography, Professor Duranti explained the principles of the profession, the nature of impartiality and professionalism in archival terms, the importance of documentary evidence and context preservation for accountability, the challenges that the digital environment presents for this purpose, and her contributions towards trustworthy record keeping today. **Results:** Professor Duranti explained the role of archivists as professionals and scientific third parties in guaranteeing the trustworthiness of archives, created using traditional and emerging technologies such as Artificial Intelligence. Archivists are the mediators between record creators and users, between the past and the future, and ensure the social value of archives.

**Keywords:** Duranti. Artificial Intelligence. Technology. Archival Science.

## **¿POR QUÉ HICE ARCHIVISTA Y POR QUÉ USTED DEBERÍA CONSIDERAR CONVERTIRSE EN ARCHIVISTA? LECTIO INAUGURALIS EN EL PPGCI/UFPA.**

### **RESUMEN**

**Objetivo:** El 6 de septiembre de 2021 la profesora Luciana Duranti dictó una conferencia en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información, para celebrar los 10 años de la Facultad de Archivística, en la Universidad Federal de Pará, Brasil. En su conferencia, la profesora Duranti compartió cómo se convirtió en archivist, sus ideas sobre el papel de la profesión y los desafíos que la tecnología y la responsabilidad social presentan para quien quiera trabajar con archivos. **Metodología:** Usando su autobiografía intelectual, la profesora Duranti explicó los principios de la profesión, la naturaleza de la imparcialidad y el profesionalismo en términos archivísticos, la importancia de las evidencias documentales y la preservación del contexto para la rendición de cuentas, los desafíos que presenta el entorno digital para este fin y sus contribuciones para el mantenimiento de registros confiables en la actualidad. **Resultados:** La profesora Duranti explicó el papel de los archivistas como profesionales, científicos y terceros que garantizan la confiabilidad de los archivos

creados con tecnologías tradicionales y emergentes, como la Inteligencia Artificial. Los archivistas son los mediadores entre los creadores de registros y los usuarios, entre el pasado y el futuro, y aseguran el valor social de los archivos.

**Descritores:** Duranti. Inteligencia Artificial. Tecnología. Archivística.

**Recebido em:** 20.12.2022

**Aceito em:** 20.06.2023